

## TELECURSO 2000: REFLEXÕES SOBRE A INCORPORAÇÃO DA ORALIDADE NA AULA DE PORTUGUÊS EM UMA PROPOSTA DE ENSINO A DISTÂNCIA <sup>1</sup>

Mônica Oliveira SANTOS

**RESUMO** *O presente estudo investiga a incorporação da oralidade e o trabalho com as variedades lingüísticas padrão e não-padrão em teleaulas de Língua Portuguesa. A análise dessas questões tomou como corpus de pesquisa um programa de ensino a distância para adultos: o Telecurso 2000. O Telecurso destaca-se por explorar, em sua proposta pedagógica, uma orientação teórica inovadora para o ensino de Português, que enfatiza a relação fala-escrita a partir da incorporação de uma considerável variedade lingüística, que abrange desde os estilos de linguagem mais informais até os mais formais. Sabendo que a distância entre a proposta e a prática desses programas de ensino nem sempre é percorrida com sucesso, e no interesse de responder às nossas questões de pesquisa, buscamos verificar se a realização prática dessa proposta é coerente com seus pressupostos teóricos e em que medida tal proposta é inovadora no ensino de Língua Portuguesa.*

**ABSTRACT** *This paper investigates the incorporation of orality and the work with linguistic varieties (standard and non-standard) in TV classes of Portuguese. The analysis of that matter had as a research corpus a television program of language teaching for adults: the “Telecurso 2000”. That television program has as its characteristics to explore in its pedagogical proposal an innovative theoretical approach for Portuguese teaching, which makes emphatic the relation speech-writing, since it incorporates a considerable linguistic variety, which includes from the most informal to the most formal language styles. As we know, the distance between the proposal and the effective practice of those programs is not always successfully achieved, so we have tried – as an answer for our research questions - to verify whether practical realization of that proposal is coherent with its*

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 22 de fevereiro de 2000, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Denise Bértoli Braga.

*theoretical assumptions and to what extension such proposal is really an innovation in Portuguese language teaching.*

## **1. INTRODUÇÃO**

O Ensino a Distância (EAD) tem sido uma opção cada vez mais procurada por um grupo social que, sem recursos financeiros, nem especialização profissional e fora da faixa etária considerada adequada pelas escolas, almeja adquirir um certificado de conclusão de curso. Esse público vê nesses programas de EAD um meio facilitador de aquisição de um certificado, visto como “porta” para maiores chances no mercado de trabalho. É nesse contexto que se insere o Telecurso 2000 (TC2000), uma proposta de ensino a distância financiada por várias entidades: *Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP; Fundação Roberto Marinho – FRM; Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI; e Serviço Social da Indústria - SESI*. Uma das razões que nos levaram a escolher essa proposta foi sua popularidade e ampla adoção em todo o Brasil.

Analisar a área de Língua Portuguesa do curso de 1º. grau do TC2000 foi uma escolha motivada principalmente pelo fato de esse curso ter uma proposta de ensino que privilegia objetivos não convencionais e adota uma metodologia que se propõe inovadora. Buscaremos responder a quatro perguntas que norteiam este estudo:

- 1- Que tipo de situações são apresentadas na teleaula para ilustrar os usos da linguagem oral incorporada às teleaulas de português?
- 2- Como são conduzidas as tarefas de retextualização – oral para o escrito; informal para formal – no material pedagógico do TC2000?
- 3- Como é conduzido o ensino de língua padrão na teleaula? e
- 4- Em que medida a realização prática do TC2000 é inovadora ou reproduz a prática tradicional de ensino de língua?

## **2. REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS ORIENTAÇÕES ADOTADAS NO TC 2000**

Refletiremos sobre dois pressupostos teóricos adotados pelo Telecurso: 1- a concepção de escolarização enfatizada pelo TC2000 e suas expectativas para com a educação de adultos e seus benefícios sociais e individuais; e 2- a fundamentação teórica lingüística que focaliza a variação lingüística e enfatiza questões como: modalidades oral e escrita, níveis de formalidade da fala e da escrita e ensino do padrão formal.

## 2.1- O LETRAMENTO E OS BENEFÍCIOS SOCIAIS E INDIVIDUAIS

Na fita de vídeo número 0, que inicia o curso, o Telecurso ressalta a importância da educação e as vantagens que o indivíduo pode alcançar investindo na sua formação, e, ainda, o reflexo que tal investimento tem para o desenvolvimento social. A proposta mostra-se comprometida em tornar o ensino interessante e proveitoso para a sua clientela em todas as áreas do ensino de 1º e 2º graus (matemática, história, ciências, português etc.). As colocações são ‘ilustradas’, ‘asseguradas’ e ‘autorizadas’ pelos depoimentos de pessoas comuns e de pessoas famosas.

A proposta do curso é enfatizada pela apresentação de frases de efeito, que aparecem na tela, a respeito da importância da educação. Ilustrando o caráter de propaganda desse vídeo de apresentação, optamos por destacar os depoimentos da (então) jogadora de basquete Hortência Oliva e do (então) deputado Florestan Fernandes. No início da entrevista com a jogadora de basquete aparece na tela o seguinte letreiro:

“HORTÊNCIA OLIVA - CAMPEÃ MUNDIAL DE BASQUETE”

A jogadora, que afirma ter tido uma origem financeiramente precária e ter feito supletivo antes de brilhar em sua carreira, faz comentários positivos em relação à importância da educação para o crescimento individual e social.

“ELE ERA UM ENGRAXATE

CURSOU SUPLETIVO

HOJE É UM DOS MAIORES INTELECTUAIS BRASILEIROS”

Esse letreiro antecede a entrevista de Florestan Fernandes que, como a jogadora Hortência, também se afirmou de origem humilde e militante na luta pelo direito à educação.

O benefício pessoal também é reforçado por depoimentos de cidadãos comuns, cujas declarações enfatizam os malogros da falta de estudo em suas vidas. Mencionam a boa qualidade e aplicação do material didático do Telecurso (“*o que passa no vídeo tem no livro*”) e registram afirmações como: “*hoje eu me sinto orgulhoso de estar estudando*”. Ou pode ainda ser ilustrado com frases de efeito que aparecem repetidas vezes na tela como por exemplo:

“QUEM ESTUDA CHEGA LÁ”

Além desses depoimentos, o apresentador da proposta introduz os “consultores”, ou seja, “autoridades” teóricas e pedagógicas no assunto específico de cada uma das áreas do ensino de 1º e 2º graus, para falarem dos objetivos específicos da proposta para cada área. Essas autoridades também asseguram a confiabilidade da proposta. Vejamos um trecho falado pelo lingüista Luiz Antônio Marcuschi, que é o consultor da área de Língua Portuguesa:

O que é importante a um cidadão, a um operário em língua portuguesa? Nós não queremos ensinar gramática, não queremos ensinar aquilo que não é aproveitável no dia-a-dia. Nossa

idéia fundamentalmente foi: primeiro apresentar sempre fenômenos, fatos, textos, observações, dados, palavras da vida diária, dos elementos que a gente usa no dia-a-dia (...) é um curso de português em que, por todas as suas características, quer formar fundamentalmente um cidadão que sabe usar a língua em todas as suas variedades, em todos os seus níveis, em todas as suas necessidades na vida diária concreta (...)<sup>2</sup>.

A proposta defende um ensino funcional de língua, visando a instrumentalizar o aluno para cumprir as necessidades básicas de sua vida, seja na situação de trabalho, seja fora dela, no exercício de sua cidadania. Tal orientação confere à aquisição do letramento uma importância fundamental para a vida do público-alvo em relação à melhoria e mudança de vida, ascensão social, evolução do raciocínio e qualificação profissional. Gostaríamos de refletir mais detalhadamente acerca do tema *Letramento e Valor Social da Escrita*, considerando que essa discussão é enfatizada no TC2000 e envolve questões teóricas, bastante controversas.

Teóricos como Street (1984), Heath (1986), Barton & Hamilton (1998), Kleiman (1991) e outros, fazendo um contraponto à visão tradicional, têm procurado estabelecer uma concepção de escrita mais voltada para o âmbito social, que englobe todas as situações de uso influenciadas pela linguagem letrada, independentemente de esse uso ser acadêmico ou não. Dessa constante preocupação surgiu o conceito de *Letramento*, que, segundo Kleiman,

Começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita. (KLEIMAN, 1991, pp.15-6).

Street (1984) propõe a distinção entre dois modelos de letramento: o *autônomo* e o *ideológico*. O *modelo autônomo* concebe a escrita como uma técnica neutra, dissociada das práticas sociais e adota como referencial a escrita acadêmica. E o *modelo ideológico* vincula a escrita às práticas sociais, pressupondo que tais práticas sejam plurais, e entende o letramento como sócio e culturalmente determinado. Kleiman (1991) enfatiza que a concepção de *alfabetização* veiculada pela escola é um exemplo do modelo autônomo que é responsável por alguns mitos como: “a correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo”, “a dicotomia entre oralidade e escrita” e “a atribuição de *poderes* e qualidades intrínsecas à escrita e, por extensão, aos grupos que a possuem”.

Podemos observar que a questão dos mitos gerados sócio-historicamente (cf. GRAFF, 1995) acerca do letramento instaura-se em dois grandes eixos: o individual e o social. No nível social, percebemos que a imprensa e a mídia tiveram e têm um papel fundamental na solidificação e difusão desses mitos, apresentando como imprescindível e evidente a necessidade do letramento, sua relação com a melhoria

---

<sup>2</sup> O trecho foi transcrito da fita de vídeo nº. 0, que apresenta a proposta.

de vida, evolução econômica, mobilidade social, progresso tecnológico, desenvolvimento cívico, espiritual e mental. A imagem que a sociedade tem dos analfabetos e do analfabetismo é extremamente negativa. O analfabetismo está atrelado ao subdesenvolvimento, à desordem, à involução e à primitividade.

No nível individual, constatamos as suposições populares que apontam para a questão do imaginário que o próprio analfabeto constrói sobre si. Conforme Kleiman (1991), essas são as mais negativas e contraditórias. O analfabeto vê-se mentalmente inferior, marginalizado, não tendo acesso aos bens de consumo sociais pela sua própria incapacidade de não ter alcançado a ascensão educacional e, como conseqüência, a ascensão econômica e a social. Para ele, a noção de valor e de poder está ligada à aquisição da escrita e da educação. A culpa pelo seu estado é definitivamente sua (por falta de vontade), ou dos pais (por desinteresse).

Considerando essas questões, ressaltamos que o Telecurso mostra uma certa ambivalência teórica, que diz respeito à concepção de letramento por ela privilegiada. Por um lado, a noção de valor social da escrita transmitida pelo TC2000 é bastante influenciada pelo velho modelo autônomo, quando reproduz os mitos de letramento criticados acima. Por outro lado, sua proposta de ensino parece ser razoável, pois se compromete em expor o aprendiz à diversidade de variedades lingüísticas (orais e escritas) consideradas padrão e não-padrão, sendo tal prática contemplada pelo modelo ideológico de letramento, que é o que também defendemos.

## 2.2- PROPOSTA DO TC2000 PARA ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O Telecurso privilegia um estudo lingüístico que leva em conta as variedades lingüísticas, regionais, culturais, ideológicas ou temáticas, evitando, assim, o risco de incorrer no erro de veicular um ensino etnocêntrico ou que privilegie um determinado padrão de língua.

A elaboração textual está baseada numa *diversidade tipológica* que explora, a partir das diversas situações do dia-a-dia, diferentes níveis de *textos falados* e de *textos escritos*. Essa orientação de ensino, além de propiciar um exercício *funcional* de escrita relacionado com a vida do aluno e, sobretudo, com o seu contexto profissional (cartas, memorandos, anúncios publicitários, formulários), propicia também um exercício constante de retextualização<sup>3</sup> da oralidade para a escrita.

---

<sup>3</sup> Esse conceito de Retextualização é explicitado nas reflexões de Marcuschi (1994). Conforme o autor, o *processo de retextualização* funciona nos níveis: da fala para a fala, da fala para a escrita, da escrita para a escrita e da escrita para a fala. Nesse processo, há três etapas envolvidas: a das transformações lingüístico-textuais, a das operações de natureza cognitiva que se relacionam aos processos de compreensão que fazem parte do ato de transformar e a do tratamento de seqüência conversacional em turnos.

Nosso projeto de teleeducação deve ter como fim o domínio das diferentes formas de linguagem, para que o aluno possa situar-se a si e ao seu trabalho, no conjunto das relações sociais de que faz parte. Assim é importante, no ensino de Língua Portuguesa, que se trabalhe com o repertório lingüístico do educando, respeitando o que ele já possui, e chamando a atenção para o fato de que seu universo lingüístico determina o que pode e deve ser dito numa conjuntura dada (TC2000 DELP, 2)<sup>4</sup>.

A proposta enfatiza ainda o fato de não se perder de vista o acesso ao conhecimento da *norma culta*, evitando incorrer no erro de restringir a aprendizagem de sua clientela a um padrão de linguagem *menos privilegiado* em nossa sociedade:

É da boa prática educacional que a apresentação e transmissão do novo se vincula a conhecimentos preexistentes e à realidade social do aluno. Mas também é preciso enfocar outros repertórios possíveis, que determinam o que pode e deve ser dito em outras conjunturas, cujos sentidos ainda representam um desafio. (TC2000 DELP, 2)

Nesse sentido, o Telecurso indica a utilização do dicionário e faz referência aos fatos gramaticais como forma de acesso à norma culta, pois *abandonar totalmente a gramática normativa seria contraproducente. O que se deve evitar de todos os modos é seguir a tradição do ensino prescritivo, centrado exclusivamente no estabelecimento de fronteiras entre “certo” e “errado”*. (TC2000 DELP, 4). Com efeito, a proposta garante um lugar nas teleaulas para o exercício de noções gramaticais que não se pautará pelo excesso de metalinguagem, mas procurará interagir no processo da linguagem em sua relação fala/escrita.

Os fatos gramaticais do nível da competência lingüística, quando relevantes para a aprendizagem, serão obtidos e sistematizados a partir da prática de leitura e redação. Tal sistematização exclui terminologias excessivas, valorizações detalhistas e seqüenciações inócuas que, nesse momento, longe de facilitar, apenas confundem o aluno, afastando-o dos objetivos do ensino de Português. (TC2000 DELP, 3).

Uma característica particularmente interessante na proposta do TC2000 é, ao nosso ver, a preocupação de incorporar, na prática pedagógica, o trabalho tanto com a língua oral quanto com a variação lingüística que pode ser observada tanto na fala como na escrita. Como temos visto, a escola desconsidera esse lugar da fala e lhe confere, no ambiente acadêmico, uma posição inferior, desvalorizada, centralizando a atenção dos alunos nas atividades de escrita. O que se pode observar é que a atenção dada à fala no ambiente escolar e nos manuais didáticos é também resquício dos pressupostos teóricos lingüísticos dos últimos séculos, que não mantinham uma preocupação com a fala ‘real’, ou autêntica, e, portanto, desprezava a produção oral efetiva.

---

<sup>4</sup> Para facilitar a referência ao Documento: TC2000 - Diretrizes para o Ensino de Língua Portuguesa, utilizaremos doravante a sigla TC2000 DELP.

Como temos afirmado, o TC2000 aceita esse desafio de respeitar o lugar da oralidade na aula de língua portuguesa e se compromete com essa proposta de veicular um ensino de língua sem discriminações lingüísticas e que identifique culturalmente a sua clientela. Essa orientação geral nos leva a considerar que, do ponto de vista teórico, a proposta do Telecurso é muito bem elaborada e embasada. No entanto, como a incorporação de uma proposta teórica para a prática de sala de aula não é uma questão simples e trivial, interessa-nos entender como o TC 2000 trabalha na prática com essas questões e também como gerencia um certo conflito teórico que existe entre sua orientação educacional mais geral, que reforça os mitos da escolarização, e a sua proposta teórica de língua portuguesa, que defende uma concepção progressista de linguagem, pouco desenvolvida nos cursos tradicionais. Essa é a questão mais geral que nos motiva a analisar o material produzido para o TC2000.

### 3. ANÁLISE DE ALGUMAS MARCAS RECORRENTES NA TELEAULA

#### 3.1- VARIEDADES LINGÜÍSTICAS INCORPORADAS

Pelo fato de o Telecurso trabalhar com um texto montado a partir de cenas do cotidiano, com um enredo que envolve personagens variados (diversos tipos de profissionais, patrões, empresários, jovens, adultos, velhos, homens, mulheres etc.), e em variadas situações (informais, formais etc.), ele tem a seu dispor um amplo leque de diferentes tipos de linguagem (culto e coloquial), estilos e registros que constituem o texto da teleaula. Em geral, o Telecurso consegue atingir seus objetivos principais, mas não podemos deixar de destacar que em alguns momentos esse trabalho peca por caricaturar os estilos de linguagem, banalizando e, às vezes, falsificando as relações sociais de poder que entremeiam essas interações, sobretudo quando é feito o contraste/comparação entre diferentes variedades.

Tomaremos como exemplo dois jargões profissionais abordados – *o mecaniquês e o banquês* - que foram utilizados numa interação entre diferentes grupos em diferentes contextos de trabalho: o mecânico no banco e a gerente de banco na oficina. (Cenatexto: Um mecânico ganha um prêmio na loteria e vai ao banco para aplicar o dinheiro. Lá é atendido pela gerente que, por coincidência, tinha deixado seu carro para ser consertado na oficina desse mecânico: no banco, o mecânico não entende nada do vocabulário “banquês” e, na oficina, a gerente não entende nada do vocabulário “mecaniquês”.) Vejamos os trechos da aula 27- Mas é conversando que a gente se entende – Módulo 8:

#### Vídeo – Cenatexto:

(1) - P2- ah:: é isso dona:: é:: isso mesmo sabe:: eu é:: eu tô precisando é proteger o meu dinheiro né:: qué que a senhora aconselha heim? (...)

P3- muito bem:: com metade, o senhor pode abrir uma caderneta de poupança modulada com variação da data de aniversário:: o resto o senhor divide em aplicações nos fundos de maior liquidez e rentabilidade:: os melhores momentos, de acordo com as oscilações percentuais do mercado, os fundos de renda fixa DI e de commodities, com um prazo de carência de 28 dias (...)

P2- olha dona Sandra:: eu num entendi nada (...) esse vocabulário de banco eu num aprendi na escola não. TEM MAIS essa coisa de fundão, fundo, commodities, fundo de renda fixa:: (...) eu tô mais perdido do que cego em TIROTEIO. Essas coisas num são do meu mundo não, dona Sandra (...) vamo fazer uma coisa? fica tudo por conta da senhora:: a senhora aplica:: faz de conta que o dinheiro é seu:: o que a senhora fizer por mim tá ótimo (...)

#### **(a gerente vai à oficina do J. Carlos)**

P3- isso mesmo, seu José Carlos:: parece que agora é o senhor que vai ter que me ajudar a resolver meus problemas (...)

P2- o seu carro, Sandra:: eu já andei dando uma examinada:: tá cum problema na parte elétrica e também na alimentação:: olha só (apontando) a bomba de gasolina, o radiador, as mangueiras, o filtro de óleo::, carburador::, o alternador, as velas, o distribuidor::, tudo isso. (apontando)

P3- ah::, Zé Carlos::, o senhor tá brincando comigo né::? Magina! eu olho aqui não vejo nada::, Sei que tem uma porção de peças, engrenagem, eu num sei o nome de nenhuma e nem sei pra que servem. Imagine se eu vou ver UMA VELA! de jeito nenhum! Pra mim isso aqui eu olho:: só é motor e pronto (...) essas coisas:: que cê falou:: de bomba, bobina, fio de mangueira, enfim, essas palavras todas não são coisas do meu mundo:: (...) agora é o senhor que vai ter que me ajudar! E como você disse lá no banco, faça o que tiver de fazer que pra mim tá prá lá de bom! (...)

No intuito de contrastar variedades distintas, o Telecurso cria uma interação entre duas pessoas de mundos diferentes que têm problemas para se entender no que se refere ao vocabulário específico do universo profissional de cada um. Os dois jargões profissionais são bem representados na interação, mas a situação criada pelo Telecurso é forçada. O problema de entendimento entre os dois personagens é simplificado. A solução encontrada para resolver o problema banaliza o tipo de relação social abordado, fazendo com que o fato de deixar o carro por conta do mecânico por não entender do assunto seja equivalente a deixar a fortuna por conta da gerente do banco por não entender de investimentos financeiros.

### **3.2- RETEXTUALIZAÇÃO: PASSAGEM DO TEXTO INFORMAL PARA O FORMAL**

A passagem de textos informais para modalidades mais formais é um outro aspecto bastante recorrente nas teleaulas. Essa prática normalmente ilustra dois níveis extremos de formalidade: do (+) informal ao (+) formal. Tomamos um exemplo dessa retextualização retirado da aula 27- Mas é conversando que a gente se entende – Módulo 8. O Telecurso pega um trecho de uma conversa bem informal entre o dono da oficina e o dono da lanchonete e propõe uma retextualização de texto informal para texto formal. No exemplo, numa lanchonete, a modalidade



informal é representada pela interação entre o dono da oficina (Zeca) e o dono da lanchonete (Antunes), enquanto a modalidade formal é representada pela interação entre dois executivos de classe alta num escritório:

#### 1-Modalidade informal

F1- As coisas vão bem, heim? Passei lá na porta da oficina e vi um montão de carro! Serviço não falta!

F2- Ah! Né bem assim não, heim! Tudo servicinho! Só trocar uma peça, regular outra:: e pronto! Às vezes nem compensa a mão de obra. E as peças estão pela hora da morte. Se a gente cobrar mais um pouco, o freguês, que já gastou uma nota, desconta em cima da gente que dá duro todo dia e não lucra. Eu sei do queu tô falando! O mar não tá prá peixe não!

#### 1-Modalidade formal

F1- Parece-me que os seus negócios estão prosperando, senhor José Carlos! Pude observar nas suas empresas uma demanda de serviços mecânicos bastante apreciável!

F2- As aparências iludem, senhor Antunes! Tudo serviço de pouca monta! Não compensa o investimento. As dificuldades auMENTAM com a alta acenTUADA das peças de reposição o que impede maior lucratividade. Por isso causaria reação nos consumidores. Eu tenho bastante experiência no setor. Posso garantir! A situação é bastante preocupante!

Em vez de analisar os aspectos lingüísticos que posicionam uma situação num determinado ponto de uma escala de formalidade, caracterizando a situação como mais ou menos formal conforme o seu contexto de ocorrência, o Telecurso cria duas situações opostas que, além de veicular em a dicotomia formal x informal, ainda classificam categoricamente o nível de formalidade que identifica a realidade de duas classes sociais distintas: ricos e pobres. Não nos parece que a interação entre dois executivos de classe alta seja a retextualização formal da interação entre o dono da oficina e o dono do bar. Não consideramos que os problemas de trabalho de uma oficina sejam os mesmos de uma grande empresa. São duas situações diferentes, com dois grupos sociais distintos. O Telecurso tanto poderia tornar mais formal o diálogo entre o dono da oficina e o dono da lanchonete como poderia ter tornado mais informal a conversa entre os executivos.

### 3.3- O ENSINO DE LÍNGUA PADRÃO

No que se refere ao ensino de língua padrão, observamos que as tarefas pedagógicas tendem a recorrer a três tipos distintos de exercícios: 1- mudanças de estilo do “informal” para o “formal”; 2- ensino da nomenclatura gramatical; e 3- uso do dicionário.

O que nos chama a atenção é que tal procedimento, no caso do ensino da nomenclatura gramatical, acaba fazendo da Cenetexto um pretexto para a observação de curiosidades lingüístico-gramaticais isoladas. Vejamos alguns exemplos:

### Vídeo:

(1) aula 50 – Assino ou não assino? – Módulo 16. (os personagens estão discutindo a viabilidade de assinarem ou não o contrato coletivo de trabalho)

F1- Em vez de brigar, vocês têm que continuar a argumentar. Olha, cada um apresenta suas idéias e vamos ver. Quem consegue convencer a assembléia é quem tem o melhor argumento, uai!

F2- Pelo que eu entendi, ou nós arriscamos o dinheiro do nosso fundo, ou estamos arriscados a ficar sem emprego. Dá pra decidir?

F3- Não, não dá!

F2- Por quê?

F4- Porque decidir é um verbo transitivo direto. É::: quer dizer, ninguém decide nada sem o objeto direto (...)

O exemplo acima traz uma situação típica das teleaulas: a utilização da Cenatexto com o propósito de abordar uma referência gramatical, no caso, a abordagem da transitividade do verbo *decidir*. A Cenatexto, que vem discutindo o dilema entre assinar ou não o contrato coletivo de trabalho, é abruptamente cortada e ridicularizada ao mudar de repente para um outro assunto. Curiosamente, o personagem (F4) explica que o verbo decidir é transitivo direto e exige complemento, logo após o “mesmo” verbo ser usado de forma intransitiva na fala do outro personagem. Não se trata aqui de discutir acerca da validade ou não dos parâmetros gramaticais vigentes, que fazem referência à transitividade verbal. Trata-se de ter em vista o compromisso de levar o aluno a refletir sobre a relação fala/escrita e sobre o estilo privilegiado por uma e outra modalidade.

A utilização do dicionário para o trabalho com a aquisição de língua culta e reflexão gramatical é outra marca recorrente na teleaula (em vídeo e no livro). Apresentaremos algumas ocorrências textuais (do vídeo), em função das quais gira o trabalho com a gramática, com a aquisição lexical e com a compreensão do vocabulário nas teleaulas. Destacamos as estruturas que costumam aparecer com frequência:

### 1- Estruturas Textuais com Repetição de um mesmo Termo ou de Parônimos

Um tipo de estrutura que se repete na elaboração textual do Telecurso diz respeito a textos cuja estrutura repete um mesmo termo com sentido diferente, ou repete palavras cuja sonoridade é igual, mas que possuem grafia e sentido diferentes. Tal comportamento textual, ao que nos parece, tem a intenção de fixar grafias, trabalhar isoladamente a questão da homonímia, paronímia e sinonímia, ou simplesmente consultar o dicionário e conferir um sentido ao verbete pesquisado:

### Vídeo:

(1) aula “Com vinagre não se apanham moscas” (aula apresentada na fita 0 de apresentação. Interação entre operários da fábrica).

F1- Agora, em vez de discutir a circular, vamos circular e tomar o circular. (...)

(interação entre os personagens fixos Machado, Lígia e Alencar)

F1. - (...) um dos sentidos de circular que a gente encontra no dicionário é::: deixa eu ver:: taqui (com o dicionário na mão) “Diz-se da carta, manifesto ou ofício que foi reproduzido e mandado a muitas pessoas”.

F2- Circular também quer dizer: (com o dicionário na mão) “locomover-se; transitar”

F3- Outro sentido de circular é:: (com o dic. na mão) “que volta ao ponto de partida”. Um ônibus circular, por exemplo!

Em (1), temos uma elaboração textual muito artificial que provavelmente não ocorreria em circunstâncias naturais de fala espontânea: a repetição da palavra *circular* se dá pela intenção de explicitar uma curiosidade na estrutura desse texto: o fato de a mesma palavra se repetir com diferentes sentidos sem que em nenhum momento houvesse a preocupação em abordar a questão da polissemia da linguagem e da diferente efetivação dos sentidos em suas diferentes ocorrências. O Telecurso restringe ao dicionário o domínio sobre o sentido, deixando de conferir ao discurso a verdadeira posse da significação.

## **2- Estruturas Informais em que se Repetem Termos ou Expressões do Senso Comum**

Uma outra ocorrência que se repete exaustivamente nas teleaulas é a pesquisa, no dicionário, de vocábulos de uso comum e de pleno conhecimento dos alunos. Palavras como *cara*, *ideal*, *perfeição*, e ainda expressões populares como *cada macaco no seu galho* e *levar a mal* são freqüentemente pesquisadas no dicionário (tanto no vídeo como no livro). Vejamos um exemplo:

### **Vídeo:**

(1) aula 58- Leia, informe-se – Módulo 18. (conversa entre Machado e Lígia)

F1- Ainda repete! Mas que cara de pau!

F2- Não, não vai ficar com a cara amarrada.

F1- Vou fechar a cara.

F2- Eu é que vou livrar a cara. (...)

F1- Cara! (...) Então cara é outra palavra que a gente usa muito no dia-a-dia.

Longe de alcançar o perfil do texto “espontâneo”, “real”, do dia-a-dia, o fragmento acima denota a pré-elaboração textual que mostra a preocupação isolada em abordar curiosidades lexicais, sem uma funcionalidade plausível do ponto de vista da construção e efetivação do sentido e, menos ainda, do ponto de vista do suporte à leitura que é a função primeira do dicionário. A palavra *cara* é utilizada exaustivamente no texto a fim de que se verifiquem as diversas possibilidades de ocorrência lingüística dessa palavra. O trabalho com o dicionário seria mais produtivo se se propusessem atividades que levassem o aluno a uma reflexão sobre a multiplicidade de sentidos referentes às palavras em questão, explorando palavras menos usadas, ou usos menos ortodoxos e menos “cristalizados”, como alguns dos que foram apresentados. A definição que o dicionário apresenta, em se tratando de palavras genéricas e de expressões populares, traz uma restrição e uma imprecisão

muito grande, uma vez que os sentidos que se configuram nessas palavras e expressões são diversos e, às vezes, muito contextuais, e por mais que o dicionário tente capturar todos os sentidos, isso é praticamente impossível. O resultado é que quando o aluno se depara com um termo que ele conhece, mas cuja definição no dicionário é muito técnica, restrita e, às vezes, confusa, o trabalho com o léxico e com o sentido torna-se invalidado, além de poder desencorajar o aluno a usar o dicionário.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Telecurso incorpora a oralidade ao ensino de Língua Portuguesa e trabalha com uma grande variedade lingüística que possibilita uma reflexão sobre a relação fala/escrita e sobre os diferentes níveis de formalidade da linguagem. Entretanto, o trabalho com a retextualização, além de ser desvirtuado, mascarando esse processo, ainda centraliza-se na passagem do informal para o formal, do não-padrão para o padrão e do oral para o escrito. Essa atitude polariza as modalidades lingüísticas e os níveis de formalidade, alimentando dicotomias entre elas. O Telecurso desenvolve o trabalho com o ensino formal de Língua Portuguesa a partir de duas estratégias: da aquisição lexical, através do dicionário, e da metalinguagem, através da abordagem gramatical. Consideramos questionável esse trabalho, pois a abordagem que o Telecurso faz do dicionário é inadequada e improdutiva, e a forma com que introduz as concepções gramaticais é pretextual e desvinculada da discussão lingüística referente à relação oralidade/escrita. Enfim, a implementação prática desse curso a distância para adultos não parece ser bem definida em relação às suas inovações teóricas e reproduz os equívocos do ensino tradicional.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTON, D. & HAMILTON, M. (1998). *Local literacies: reading and writing in one community*. London and New York: Routledge. Pp. 3-22.
- FIESP / FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. (1995). *Fundamentos e diretrizes do Telecurso 2000*. São Paulo: Fundação Roberto Marinho.
- GRAFF, H.J. (1995). *Os labirintos da alfabetização - Reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- HEATH, S.B. (1986). *Literacy, society and schooling: a reader*. New York: Cambridge University Press.
- KLEIMAN, A.B. (1991). "O que é letramento?" In: KLEIMAN, A.B. (org). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras.

MARCUSCHI, L.A. (1994). *Da fala para a escrita - Processos de retextualização*. Recife: (mimeografado).

STREET, B. V. (1984). *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge Press.